

## Cultura escolar e cultura popular: perspectivas de inovação pedagógica

Manoel Augusto Miranda Dourado<sup>1</sup>

### Resumo

Este artigo foi produzido a partir da minha dissertação de mestrado, onde sua realização aconteceu em uma comunidade "quilombola", cujos habitantes são descendentes de afro-brasileiros escravizados. Um estudo de caso etnográfico qualitativo, possibilitando a mudança de rota, a flexibilidade de tempo e espaço para alcançar os objetivos propostos. O estudo possibilitou uma reflexão de como a cultura escolar aceita ou rejeita a cultura popular no seu ambiente, tendo como aportes teóricos: Freire (1996), Lapassade (2005), Fino (2011), Toffler (1973), Benedict [s.d.], Macedo (2006), Papert (1994), Bauman (2005), dentre outros. O objetivo principal deste trabalho foi entender se a cultura escolar faz uso da cultura popular para gerar perspectivas de inovação pedagógica e como elas se dialogam. A escola é o lugar menos apropriado para encontrar a inovação pedagógica, a pesquisa insistiu na garimpagem, tentando entender como a cultura escolar interage com a cultura popular em um local onde essas características estão presentes e com perspectivas de inovação pedagógica. O trabalho com dados etnográficos produzido com o uso de elementos como entrevistas e observação participante. Há expectativas na compreensão da dinâmica de elementos essenciais para a inovação pedagógica: a escola, o ensino e a aprendizagem, e outros, como cultura escolar e cultura popular. Foi possível observar a falta de diálogo entre essas duas culturas, o que causa uma barreira à inovação pedagógica.

**Palavras-chave:** cultura escolar; cultura popular; inovação pedagógica

Recepción: 26/03/2021

Evaluación 1: 18/04/2021

Evaluación 2: 2/04/2021

Aceptación: 19/05/2021

### Introdução

Este artigo é resultado da pesquisa realizada em uma Comunidade Quilombola, um locus interessante pelas suas características peculiares por se tratar de um povo descendente de afro-brasileiros escravizados da categoria universalista com práticas culturais diferenciadas de outras comunidades. Teve como temática principal o diálogo entre a Cultura Escolar e a Cultura Popular com perspectivas de Inovação pedagógica.

Estamos em uma época em que a velocidade da informação é muito grande, o tempo parece que anda, ou melhor, corre de forma mais rápido. Nesse futuro onde tudo pede pressa e poucos valores são duráveis, tudo parece ser descartável: família, amor, emprego etc. A cultura é um mundo onde a transitoriedade perdura, mas convém lembrar que nem sempre foi assim.

Houve uma época em que os homens aprendiam a linguagem da sua sociedade e dela fazia uso, com pequenas alterações, pela vida afora. Seu “relacionamento” com cada palavra aprendida ou com cada gesto vigente era um relacionamento durável. Hoje em dia, a um grau estorcedor, as coisas não se passam mais assim. (Toffler, 1973, P. 142).

O aparelho ideológico que contribui como instrumento usado para moldar os homens para que possam sobreviver, a que Toffler (1973) chamou de “O Choque do Futuro”, é a escola. No

tempo industrial ela formou indivíduos para ocupar certas posições na sociedade, tendo como objetivo maior formá-los para determinadas tarefas que seriam exercidas durante muito tempo.

Uma das consequências da sociedade pós-moderna foi o que Toffler (1973) chamou de “a morte da permanência” trazendo consigo muito sofrimento, pois com isso houve uma insegurança generalizada.

O objeto da pesquisa foi compreender como a cultura escolar se relaciona com a cultura popular e até que ponto elas conseguem dialogar. A educação é constituída de costumes e ideias que são determinantes para o tipo de educação necessária para a sociedade: “inseridos no conjunto de outros fenômenos sociais como a religião, a organização política, o grau do desenvolvimento das ciências, do estado, das indústrias etc” (Durkheim, 1983, p. 37).

A escola permanece com ênfase nos estudos de Toffler (1980), período em que foi frequentada para treinar as crianças para quando adultos pudessem cumprir com as tarefas dos operários das fábricas. Dessa forma, a escola aqui é direcionada para cumprir certas tarefas que vão do aprender pela inculcação e repetição da ideologia do estado.

As ações mais utilizadas no seu interior direcionam os alunos para serem passivos, objetos, criados para obedecer, cumpridores de tarefas. A escola moderna tem este caráter reprodutivista, e o paradigma fabril adentrou no ambiente escolar como ações que eram um treinamento onde o aluno aprendia para repetição no ambiente de trabalho.

O construcionismo, de acordo com a visão de Papert (1994), é o caminho para construção do conhecimento de forma significativa, pois se embasaria na pedagogia da aprendizagem a matemática e caminhará em busca da inovação pedagógica.

## **A cultura**

A Cultura é toda atividade humana que produz conhecimento, e tais conhecimentos são passados de geração em geração. Esses valores contribuem para melhoria de vida em sociedade, possibilitam à realização de planejamento para o futuro, também normatiza o comportamento das pessoas na comunidade onde vivem.

O conceito de cultura ainda não é fechado, não tem uma definição pronta e aceita. As ciências sociais como: antropologia, sociologia e na área de educação discute já algum tempo e se torna abrangente, pois abarcam áreas sociais como comportamento, conhecimento e habilidades matérias e imateriais.

Ao fazer uma análise do mundo atual entender e respeitar a cultura do outro se faz necessário, pois muitos usam os conhecimentos de evolução das espécies pregados por Charles Darwin e acreditam que as culturas também evoluem, assim pensam que uma está em estágio superior a outro.

O próprio Darwin escreveu friamente sobre o massacre dos aborígenes da Tasmânia e, num ímpeto de entusiasmo genocida, profetizou que “Em algum tempo no futuro... as raças civilizadas do homem é quase certo que exterminarão e substituirão as raças selvagens através do mundo.” Os intelectuais de vanguarda da Segunda Onda não tinham dúvida sobre quem merecia sobreviver. (Toffler, 1980, p. 110).

Com esse tipo de pensamento entende-se que existem culturas superiores a outras. Um dos grandes antropólogos brasileiro, Gilberto Freire (1957), discípulo de Frank Boas, critica estes pensamentos e diz que há uma diversidade cultural que deve ser respeitada e todo discurso

contra, sexo, raça é feito para justificar a dominação de um grupo social sobre o outro. Vários são os conceitos de cultura tanto no campo da antropologia quanto no da educação. Vejamos o que Taylor diz sobre o conceito de cultura.

La cultura o civilizacion, em sentido etnográfico amplio esagu el todo complejo que incluye el conocimiento lãs creencias, el arte, la moral, El derechos, los costrumbres. Y cueles queira otros hábitos y capacidades adquiridos por el hombre em cuanto membro de La sociedade (Taylor, 1975, p. 29).

A escola pode fazer uso da sua cultura para melhorar a vida desses que sofrem, promovendo uma educação mais crítica que fosse ao encontro à visão de Paulo Freire (1987) o qual aponta para os educadores que estão comprometidos além da educação “bancária”, que é mecânica, com docentes apenas depositários de conteúdos e passem a formar seres críticos que saibam questionar a padronização da sociedade.

Benedict chama atenção para a compreensão que os homens precisam ter sobre as diversas culturas antes tão distantes e hoje tão perto e presentes posto e proporcionado pela civilização moderna.

O estudo de culturas diferentes tem ainda outro alcance muito importante sobre o pensamento e o comportamento hoje em dia. A vida moderna pôs muitas civilizações em contato íntimo e no momento presente a reação dominante e o nacionalismo e o snobismo racial. (Benedict, s/d, p. 23)

Roberto da Matta (1981) pensa a cultura como a forma que cada sociedade vive. E que cultura trata-se dos valores que aproximam os indivíduos, um instrumento importante de reconhecimento e aperfeiçoamento humano.

Para uma compreensão maior destas diferenças é necessário “compreender o modo como essas culturas se transformam e se diferenciam as formas diferentes por que se exprimem, e a maneira como os costumes de qualquer povo funcionam nas vidas dos indivíduos que os compõem” (Benedict, (s/d).

### **Cultura Escolar e Cultura Popular**

A Cultura Escolar cristaliza em todos que passam pela ambiente da escola. As regras de como se comportar na sociedade, mesmo trabalhando com grupos tão diferentes e heterogêneos, tenta transformá-los em homogêneos. Construiu-se e reconstruiu durante todo tempo mantendo sempre os interesses das classes dominantes.

A cultura escolar é muito forte e está impregnada nos sistemas educacionais e educativo. Todo professor quando formado já está contaminado que vai além da vontade do indivíduo de ser crítico, “livre”: “É indubitável que os futuros professores são educados, não apenas pela influência direta dos formadores de professores, mas também pela cultura escolar que absorvem enquanto são educados” (Fino, 2011, p. 45).]

As pessoas que são disseminadoras da cultura escolar: professores e alunos é a fonte de maior propagação destas práticas instauradas no interior da escola. Dentro de uma escola professores, gestão e alunos produzem um tipo de cultura escolar que é peculiar e singular, pois cada unidade escolar tem elementos que diferenciam um dos outros, em sentido macro as escolas têm sua cultura cada vez mais unificada, mas as diferenças aparecem no campo micro, isto é que faz aparecer diferenças que são de fato a identidade da escola.

Já a Cultura Popular precisa ser respeitada como autônoma coerente que funciona de acordo com suas regras, e nunca seus integrantes podem ser confundidos e tratados como selvagens, monstros, sem cultura. Há uma clara predisposição e tendência ao etnocentrismo.

As pessoas, com efeito, podem compartilhar símbolos, mas elas não compartilham forçosamente o conteúdo desses símbolos. Desse ponto de vista, o outro na cultura e nas culturas é incontornável como co-construtor de diferenças e de processos indenitários. (Macedo, 2006, p.25)

A cultura popular em muitos locais sofreu e ainda sofre o com o processo de aculturação, pois historicamente a cultura do vencedor era estabelecida em detrimento da do outro. O estudo se desenvolveu numa comunidade quilombola que tem muitos elementos da cultura popular dos descendentes afro-brasileiros escravizados.

Para início de conversa é interessante entender os objetivos básicos da inovação pedagógica, de acordo com Fino.

[...] Antecipar no presente o futuro que se desconhece. Provocar, localmente e avant La lettre, paradigmas novos. Como dizia Thomas Kuhn, a mudança paradigmática é provocada por agentes de mudança. Queremos que os futuros Mestres em Inovação Pedagógica façam parte desse grupo. (Fino, 2007, p.13).

Na perspectiva da educação a inovação vai ao encontro do pensamento de Seymour Papert no seu livro “*A Máquina das Crianças: Repensando a escola na era da informática*” (1994), diz que o professor construcionista é aquele que provoca o máximo de aprendizagem com o mínimo de ensino. Creio que Papert (1994) propõe ao professor que liberte o aluno das amarras da educação “bancária” que enche o aluno de conteúdos e ele fica sem saber se aprendeu e o que aprendeu.

A escola tem muita dificuldade de trabalhar com os alunos na perspectiva de sujeitos construtores do conhecimento e insere em seu contexto muitas atividades inadequadas para as crianças, dificultando o aprendizado. A escola faz uma confusão na cabeça das crianças oferecendo um amontoado de conteúdos sem estar inseridos em um contexto, desta forma “permanece o paradoxo por que não lhes ensinamos a pensar, a aprender, a brincar”? (Papert, 1994, p.80).

A Matética de Papert (1994) pode direcionar ao construcionismo proporcionando ao aluno oportunidade real de se desenvolver. É necessário entender que a inovação pedagógica vai além de pequenas mudanças na forma de agir, pois, não são ou estão em apenas reformas educacionais ou curriculares.

Para que a inovação pedagógica aconteça é necessário mudanças na prática docente que possibilite a mudança na prática discente. Segundo Freire:

A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer. O saber que a prática docente espontânea ou quase espontânea, “desarmada”, indiscutivelmente produz é um saber ingênuo, um saber de experiência feito, a que falta a rigorosidade metódica que caracteriza a curiosidade epistemológica do sujeito. (Freire, 1996, p 22).

Professores bem formados podem possibilitar a inovação, contudo não é garantia, pois podem ser contaminados pela cultura escolar. Dessa forma, o pensamento da necessidade de quebra de paradigma existe. Mas como ultrapassar algo que está tão cristalizado no sistema educativo como a cultura escolar? Há vontade e capacidade de romper com velhas práticas que perduram? E se existe vontade de mudanças sabem quais devem ser feitas e como?

Papert (1994) em seu livro “A Máquina das Crianças: Repensando a escola na era da informática” mostra de forma clara o desânimo que vem acontecendo nas escolas onde o alunado não se interessa pelas aulas e não vê nenhum objetivo em continuar estudado. A sociedade vem inventando máquinas para ajudar no ambiente escolar.

A “Inovação pedagógica implica mudanças qualitativas nas práticas pedagógicas” (Fino, 2008, p.1) entende que O professor precisa perceber esta necessidade de mudança de foco para que possa envolver a todos que contribuem para melhoria da aprendizagem.

### **A metodologia da pesquisa**

A Metodologia da Pesquisa trata-se de um estudo de caso etnográfico, embasado em observações e entrevistas, tendo a clareza de que a escolha da metodologia é parte significativa do sucesso da pesquisa. Neste caso, em particular, a escolhida tem como centro o estudo de caso com base na etnografia.

A etnopesquisa é a pesquisa que envolve: povo; diálogo; cultura; linguagem e autores sociais. Valorização dos sujeitos em estudo, “traz pelas vias de uma tensa interpretação dialógica e dialética a voz do autor social para o corpus empírico analisado e para a própria composição conclusiva do estudo, até porque a linguagem assume aqui um papel co-construtivo”. (Macedo, 2006, p. 10).

Em consonância com a visão de Macedo (2006), a pesquisa qualitativa tem como características principais a descrição. Valoriza a contextualização dos “dados” e interpretações, a pertinências de detalhes é valorizada. Entende que as realidades antropológicas são construções sociais, parte da perspectiva subjetiva, assume que atores sociais não são “idiotas culturais”.

A etnografia de acordo com André (1995) etnologicamente significa “descrição cultural” também poderia ser etno (povo), grafia (escrita), ou seja, escrita sobre o povo, relatos sobre pessoas. A etnografia se apoia em ações de suma importância como descrever, “[...] descrever é um imperativo, estar in situ e ineliminável, compreender a singularidade das ações e realizações humanas é fundante, bem como a ordem sociocultural que aí se realiza”. (Macedo, 2006, p.83). Para uma boa descrição é preciso de uma observação feita por um longo tempo por pessoas e com pessoas em um determinado campo.

O estudo de caso foi escolhido como o método utilizado nessa pesquisa e a seguir temos as principais ideias de Yin (2001) que se tornou fonte principal na condução desse trabalho. Assim justifica-se a presença dos pensamentos do autor, creio ser necessário compreender o que ele fala sobre o conteúdo sempre com muita propriedade.

Para que seja reconhecido como um estudo de caso etnográfico é preciso, antes de tudo, que seja um sistema bem delimitado, isto é, uma unidade com limites bem definidos, tal como uma pessoa, um programa, uma instituição ou um grupo social (André, 1995, p. 31).

O trabalho de pesquisa foi feito de forma cuidadosa e responsável embasados nos pressupostos de teóricos sobre a observação participante.

Conforme Lapassade:

[...] A observação participante é a técnica fundamental da investigação etnográfica. [...] O observador participante vai se esforçar em adquirir um ‘conhecimento de membro’. Vai tentar identificar os motivos que os membros tinham para fazer o que fizeram estabelecer o que seus atos significam para eles mesmos naquele momento. (Lapassade, 2005, p. 68-69).

A observação participante é uma técnica que proporciona a pesquisa qualitativa uma maior possibilidade de descrição do ambiente social, bem como as vivências das culturas infiltradas pelo pesquisador, o que colabora para uma maior clareza e fidelidade daquilo que foi observado.

## **A pesquisa**

Esta pesquisa teve como objetivo compreender como a cultura escolar interage com a cultura popular com perspectiva de inovação pedagógica, o locus foi à escola municipal Tomé de Souza, localizada na comunidade quilombola, do povoado de Lagoa do Gaudêncio, que fica no município de Lapão, no Sertão da Bahia, Brasil.

A dificuldade de ter uma identidade fixa se mostra cada vez mais difícil, pois em tempos de grandes mobilidades e acentuação da transitoriedade, se torna cada dia mais trabalhoso construir uma identidade permanente.

A principal força motora por trás desse processo tem sido desde o princípio a acelerada “liquefação” das estruturas e instituições sociais. Estamos agora passando da fase “solida” da modernidade para a fase “fluida”. E, os “fluidos” são assim chamados porque não conseguem manter a mesma forma por muito tempo, e a menos que sejam derramados num recipiente apertado, continuam mudando de forma sob a influência até mesmo das menores forças. (Bauman, 2005. p. 57).

No povo negro é ainda acentuada esta transitoriedade pela movimentação forçada de um ambiente para outro em busca de melhores condições de vida e de sobrevivência. Dessa forma, a identidade do negro é construída em seu cotidiano de lutas, de autoafirmação.

Na sociedade atual há uma crise de identidade que em longo prazo traz insegurança e o sentimento de não pertencimento passa ser uma doença, por isso “O anseio por identidade vem do desejo de segurança, ele próprio um sentimento ambíguo” (Bauman, 2005, p 35) ele continua a falar desta ambiguidade onde o fixo é mal visto e que flutua sem posição fixa por um período pode ser estimulante, mas com o tempo pode até causar doenças como ansiedade.

Os dados obtidos foram coletados com uso de entrevistas, observação participante e documentos, foram agrupados, feito a triangulação e análise do que foi dito pelos entrevistados em contraponto com o que foi observado, buscando ainda identificar aspectos relevantes para responder a questão proposta no projeto de pesquisa “Analisar os dados qualitativos significa “trabalhar” todo o material obtido durante a pesquisa, ou seja, os relatos de observação, as transcrições das entrevistas, as análises de documentos e as demais informações disponíveis” (Ludke e André, 2012, p. 45).

Na triangulação dos dados foi realizada uma análise das observações e entrevistas procurando estabelecer critérios plausíveis que validem a pesquisa embasada em um contexto, num locus com características singulares.

O paradigma desempenha um papel ao mesmo tempo subterrâneo e soberano em qualquer teoria, doutrina ou ideologia. O paradigma é inconsciente, mas irriga o pensamento consciente, controla-o e, neste sentido, é também supra-consciente. (Morin, 2000, p.26).

É importante compreender como é formado e como funcionam os paradigmas para que possa combatê-lo ou apoiá-lo. “O fracasso das regras existentes é o prelúdio para uma busca de novas regras.” Ou seja, quando um paradigma não está dando conta é preciso urgentemente de outro para substituí-lo, (Kuhn, 2005, p.95).

Procuramos ter uma visão crítica do que foi observado e colhido nas entrevistas e narrativas das quais foram coletados dados, “que incidem sobre relações entre escola e comunidade envolvente e que implicam observação participante” (Fino, 2008, p.2). Entendendo que a cultura escolar constituída pelo sistema de ensino brinda as transformações o que impossibilitam as quebras de paradigmas.

[...] O que é senão um sistema de ensino senão uma ritualização da palavra; senão uma qualificação e uma fixação dos papéis para os sujeitos que falam; senão a constituição de um grupo doutrinário ao menos difuso; senão uma distribuição e uma apropriação do discurso com seus poderes e seus saberes? (Foucault, 2001, p. 44-45).

A escola como observamos nas entrevistas é seletiva, reprodutora, aparelho ideológico do estado bem de acordo com o pensamento de Althusser (1985). Durante a permanência no locus, foi utilizada a observação, colhendo informações e anotando no meu diário de bordo que, de acordo com Lapassade (2005), possibilita ao investigador uma interação com todos os membros investigados. Observação participante é o nome dado às atividades desenvolvidas pelo investigador durante todo o percurso da sua chegada a saída do campo.

A pesquisa nos mostrou o quão interessante pode ser uma observação participante convivente com os princípios da imparcialidade e estranhamento de uma realidade.

### **Considerações finais**

De acordo com o trabalho de entrevistas, observações, análises interpretações dos dados desta pesquisa foram possíveis concluir que o diálogo entre culturas não é fácil, mas é possível, se houver um movimento de respeito às singularidades. Outra vez trago o desafio do olhar sob as lentes do que Ruth Benedict chama de “padrões de cultura” com o intuito de entender as nossas várias visões de mundo condicionadas pelo apelo etnocêntrico.

O etnocentrismo é um perigo, pois restringe a visão e opinião contrária com certa dose de racismo e intolerância, o que produz violência justificada contra o outro, a escola que observamos é a principal referência educativa da comunidade, mesmo com vários pontos de culturas, onde o aprendizado se dá, os conhecimentos adquiridos fora do contexto escolar precisam ser reconhecidos e valorizados. Isso, de acordo com Freire (1989), é chamado de conhecimentos prévios, em que a leitura do mundo antecede a leitura das palavras.

Interessante compreender a cultura como teia que possibilita aos sujeitos o sentimento de pertencimento e construção da sua identidade e como Geertz (1989, p. 15) afirma. O homem é amarrado a uma teia de significados construída por ele próprio e a cultura são essas teias e nesse contexto que o homem e cultura se constroem.

Com as observações, entrevistas, e exercitando o ato de ouvir, sempre motivado pelo objeto da pesquisa que direcionava e servia de leme para conduzir o trabalho da melhor maneira, foi possível concluir o estudo que me permitiu experimentar e vivenciar a etnografia com o uso da técnica observação participante.

Nessa experiência etnográfica percebe-se a extrema dificuldade das pessoas da escola valorizar a cultura popular, pois somos muito tendenciosos a hierarquização e fazemos parte do projeto que excluir e discrimina o que não é da cultura do ocidente da qual também nos incluímos.

O poder simbólico representa “o poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (Bourdieu, 1989, p. 7-8) define um poder representativo que se constitui pelos ditos e reconhecido como não arbitrários.

Para que haja inovação pedagógica é preciso o que Fino chama de a tomada de consciência por parte do professor dos “constrangimentos” para desmontá-los. E só depois ter uma unidade educativa diferente, preparada para ir além. A escola observada por mim não consegue a inovação pedagógica, pois não há um canal de ligação entre as culturas e apresenta a valorização da cultura escolar sobre a cultura popular, havendo assim uma hierarquização o que contribui para a falta de diálogo entre culturas impossibilitando a inovação.

O presente estudo não teve o objetivo de encerrar o debate e a investigação sobre o diálogo entre cultura popular e cultura escolar, contudo é prerrogativa deixar aberto as discussões acerca dos elementos aqui pesquisados. Reiteramos nossa vontade de deixar uma semente plantada, adubada e molhada para que possa germinar crescer e dar frutos.

Procurando amarrar fatos históricos, dados etnográficos com o intuito de cumprir o objetivo ensinado por Geertz (1989) “convencê-los de que estive no locus, desta forma estando lá, aqui estou a mostrar o desafio enorme para a cultura popular penetrar em um ambiente fechado da cultura escolar”.

O presente trabalho teve o propósito de observar se a prática pedagógica na escola estudada era inovadora, por está inserida no seu contexto de uma comunidade quilombola, contudo, tais práticas apresentaram dificuldades, porque, não se dialogam entre si e, há uma clara preocupação com a repetição do instituído onde a cultura escolar reina.

## Referências

- Althusser, L. (1985) Aparelhos ideológicos de estado: Nota sobre os aparelhos ideológicos de estado. 3 ed. Rio de Janeiro: Graal.
- André, M. (1995) Etnografia da prática escolar. Campinas, SP, Papirus.
- Bauman, Z. (2005) Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução: Carlos Alberto Medeiros, Rio de Janeiro. Ed. Jorge Zahar.
- Benedict, R. (s/f) Padrões de cultura. Tradução de Alberto Candéias. Lisboa: Livros do Brasil.
- Brasil (1998) Constituição: República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico.
- Brasil (2000) Câmara dos Deputados. Lei 9394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: Câmara dos Deputados.
- Damatta, R. (1981) Você sabe com quem está falando? In: \_\_\_\_\_. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Zahar.
- Durkheim, É. (1983) As regras do método sociológico. In: *Durkheim*. 2ª ed. Trad. de Margarida Garrido Esteves. São Paulo, Abril Cultural.
- Fino, C. N. (2011). Inovação Pedagógica, Etnografia, Distanciamento. In Fino, C. N. *Etnografia da Educação*. Funchal: Universidade da Madeira - CIE-UMa, p. 99-118.
- Fino, C. N. (2008). "A etnografia enquanto método: um modo de entender as culturas (escolares) locais". In Christine Escallier e Nelson Veríssimo (Org.) *Educação e Cultura*. Funchal: DCE – Universidade da Madeira, p. 43-53.
- Foucault, M. (2001) A ordem do discurso. 7. ed. Loyola.
- Freire, P. (1996) A importância do ato de ler: em três artigos que se completam / Paulo Freire. 23ª edição.
- Freire, P. (1987) Pedagogia do oprimido. 17ª. Ed. Rio de Janeiro, paz e terra.



- Yin, R. (2001) Estudo de caso: planejamento e métodos / Robert K. Yin; trad. Daniel Grassi - 2.ed. Bookman.
- Kuhn, T. (1992) A estrutura das revoluções científicas. Tradução de Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. 3. ed. São Paulo: Perspectiva.
- Lapassade, G. (2005) As microssociologias. Série Pesquisa em Educação. Líber Livro Editora.
- Macedo, R. (2006) Etnopesquisa critica Etnopesquisa formação. Líber livro.
- Morin, E. (2000) Os sete saberes necessários à educação do futuro / Edgar Morin; tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. – 2. ed. – São Paulo: Cortez.
- Papert, S. (1994) A Máquina das Crianças: Repensando a escola na era da informática / Seymour Papert; tradução Sandra Costa, Editora Artes Médicas.
- Toffler, A. (1973) Choque do futuro. 4 ed. Ed Arte nova S/A.
- Toffler, A. (1980). A terceira onda. 15 ed. Rio de Janeiro: Record.

## Notas

- <sup>1</sup> Diretor escolar do Centro Juvenil de Ciência e Cultura de Irecê, Bahia. E doutor em Ciências da Educação pela Universidad del Paraguay, [md.manoel@bol.com.br](mailto:md.manoel@bol.com.br)